

Mulford elogia o Brasil mas faz advertência

18 AGO 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

Subsecretário dos EUA diz que nova moratória pode custar caro

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — O Subsecretário do Tesouro norte-americano, David Mulford, saiu de um encontro de mais de três horas ontem com o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, com uma visão positiva da economia brasileira. "As condições econômicas estão melhorando e as perspectivas são muito boas", resumiu Mulford numa rápida entrevista à saída do Ministério da Fazenda, momentos antes de sua audiência com o presidente José Sarney. Ontem de manhã, o subsecretário tomou café da manhã com empresários, no Rio.

— Foi uma reunião agradável e construtiva — afirmou Mulford depois da audiência com Sarney. Segundo relato do próprio Mulford, conversou-se sobre as novas estratégias de tratamento da dívida externa do Terceiro Mundo, onde se enquadra o Plano Brady. "O presidente considerou que o Plano é um passo importante na solução da dívida", revelou Mulford.

Apesar da avaliação positiva sobre a economia brasileira, Mulford deixou claro que ainda é grande a distância que separa o Brasil de um acordo amplo que permita ao País beneficiar-se do esquema da redução da dívida externa proposto pelo governo americano (Plano Brady). Indagado sobre a possibilidade de o Brasil negociar, ainda no atual governo, um plano de redução da nossa dívida externa, David Mulford foi incisivo: "Não há dúvidas de que o País pode participar, mas a questão do tempo vai depender do desempenho da economia".

A visita de Mulford ao Brasil não tem por objetivo negociações formais sobre a dívida. Ele foi convidado pelo ministro da Fazenda a visitar o País quando montava a sua agenda de encontros no Chile e Argentina — países que já visitou —, Venezuela e

Costa Rica, para onde segue neste final de semana. Hoje, Mulford, induzido por uma sugestão do diretor para América Latina do Banco Mundial, Armeane Choski, visitará o projeto Caraíbas, onde estão aplicados alguns bilhões de dólares da dívida externa contraída pelo Brasil. Poderá ver, também, a devastação da floresta amazônica pelas empresas siderúrgicas que já se instalaram na região e que usam o carvão vegetal como insumo na produção de ferro-gusa.

NO RIO

Durante o almoço ontem no Ministério da Fazenda, Mulford ouviu do ministro da Fazenda a disposição do Brasil de não pagar os US\$ 2,3 bilhões de juros aos bancos credores, que vencem no mês que vem, caso não haja acordo com o fundo monetário internacional (FMI). Numa conversa descontraída, o subsecretário do Tesouro defendeu a tese de que, em caso de atrasos, o importante, para o Brasil, é não formalizar uma moratória, uma atitude que poderia ser interpretada como uma confrontação por parte do Brasil.

O ministro Maílson disse que o encontro de Mulford com empresários brasileiros e dirigentes de empresas multinacionais, no Rio, foi uma iniciativa do ministério. Para possibilitar maior informalidade no encontro, não foi incluído qualquer representante do Governo.

Durante o encontro, com os empresários, Mulford disse que o Brasil tem todo o direito de resguardar suas reservas cambiais, mas advertiu que uma ruptura (moratória) pode custar caro: afastar o País do Plano Brady. Estiveram no café da manhã, na casa do presidente da Montreal Engenharia, Sérgio Quintella, os empresários Henrique Grégori (Xerox), Jorge Gerdau Johamperter (grupo Gerdau), Roberto Broughton (Shell), Antônio Carlos Vidigal (Confab), André de Botton (Mesbla) e Guilherme Frehring (Jari).

□ Colaboraram Allan Madsen e Suely Caldas (Rio)